

**ETNOCONSERVAÇÃO  
DE QUELÔNIOS  
PELOS  
POVOS INDÍGENAS  
DO OIAPOQUE**

Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque  
APIO - 2009

# Etnoconservação de Quelônios pelos Povos Indígenas do Oiapoque

A Conservação dos componentes e processos biológicos, ecológicos e evolutivos é o nosso maior e mais complexo desafio na Amazônia. A ETNOCONSERVAÇÃO é provavelmente uma das últimas estratégias democráticas para proteger o dia a dia neotropical. O caminho é longo, mas a Amazônia, assim como o nosso sonho, é imensa.

**Ronis Da Silveira**

Universidade Federal do Amazonas

**ETNOCONSERVAÇÃO  
DE QUELÔNIOS  
PELOS  
POVOS INDÍGENAS  
DO OIAPOQUE**

**AMAPÁ  
AMAZÔNIA BRASILEIRA**

### Créditos da publicação

#### DIREITOS AUTORAIS

Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque - APIO

#### ILUSTRAÇÕES

Crianças e jovens indígenas da Aldeia Kumarumã:

Luziene Forte Nunes, Elber, Ama, Elisvaldo, Milka?

Marco Lenísio (ilustrações digitais)

#### FOTOS

Antonio Oliveira, Fábio Maffei,

Guilherme K. Noronha, Luís Augusto Ruffeil,

Ronis Da Silveira

#### REVISÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Clovis Luiz da Silva das Neves

#### EDIÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

Ronis Da Silveira

#### ORGANIZAÇÃO E DIREÇÃO DE DESIGN

gknoronha.com.br

N852e

NORONHA, Guilherme K.; SILVEIRA, Ronis Da (Eds.).

**Etnoconservação de quelônios pelos Povos Indígenas do Oiapoque.** Macapá: APIO/GKNoronha, 2009. 33p. Il.

1. Quelônios - conservação, 2. Meio ambiente - conservação,  
3. Povos indígenas - Oiapoque, I. Título

CDU 598.133 (811.6)

**ETNOCONSERVAÇÃO  
DE QUELÔNIOS  
PELOS  
POVOS INDÍGENAS  
DO OIAPOQUE**

**AMAPÁ  
AMAZÔNIA BRASILEIRA**

**“Enquanto existir índios aqui no Oiapoque,  
o tracajá vai ser conservado  
para as futuras gerações.”**

*Paulo Roberto da Silva,  
Liderança Galibi-Marworno*

**Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque  
APIO - 2009**

Entidade Executora  
**ASSOCIAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE - APIO**



Entidade  
Proponente



Proteger a natureza é preservar a vida.

Entidade do  
Coordenador  
Ronis Da Silveira



**UFAM**



Administração Executiva  
Regional de Oiapoque



Apoio

Esta publicação foi possível por meio do generoso apoio do povo dos Estados Unidos através da Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional (USAID). O conteúdo é da responsabilidade dos autores e não necessariamente reflete a visão da USAID ou do Governo dos Estados Unidos.



Instituto Chico Mendes de  
Conservação da Biodiversidade



Secretaria Especial  
de Aquicultura e Pesca

Ministério do  
Meio Ambiente

Ministério da  
Ciência e Tecnologia

Secretaria Especial  
de Políticas de Promoção  
da Igualdade Racial



# SUMÁRIO



|  |    |
|--|----|
| 1. Apresentação.....   | 7  |
| Atividades do Capítulo 1.....  | 10 |
| 2. Oiapoque: terra de índio.....   | 11 |
| Atividades do Capítulo 2.....  | 16 |
| 3. Os índios e o tracajá.....  | 17 |
| Atividades do Capítulo 3.....  | 22 |
| 4. Segurança alimentar.....  | 23 |
| Atividades do Capítulo 4.....  | 25 |
| 5. O Projeto de Etnoconservação do tracajá.....  | 27 |
| Como começou?  |    |
| Os Agentes Ambientais Indígenas  |    |
| 6. Como se faz a etnoconservação de tracajás?.....   | 31 |
| Etapa 1 - Identificação dos locais de postura,<br>colheita de ovos e transporte para a aldeia..... | 32 |
| Etapa 2 - Da chocadeira ao nascimento.....   | 34 |
| Etapa 3 - Cuidados com o filhote.....  | 36 |
| Etapa 4 - Dia da Soltura.....  | 40 |
| Atividades dos Capítulos 5 e 6.....  | 48 |
| 7. Aprendendo com o Projeto Etnoconservação.....   | 49 |
| Diferencial .....  | 49 |
| Resultados .....   | 51 |
| Desafios .....   | 53 |
| Aprendizados .....   | 55 |
| Atividades do Capítulo 7.....  | 58 |

## **Projeto Etnoconservação de Quelônios**

COORDENADOR  
Ronis da Silveira

TÉCNICOS DE CAMPO  
Antônio Oliveira (Eng. de Pesca), Fábio Maffei (Biólogo),  
Kelly Bonach (Bióloga) e Luis Augusto Ruffeil (Zoológico)

TÉCNICOS INDÍGENAS DE CAMPO  
Raimundo Maciel Felipe e Roberto Narciso (Carumbé)

TÉCNICOS TNC  
Marcio Sztutman e Alexandre Goulart de Andrade

AGENTES AMBIENTAIS INDÍGENAS  
Elcinho Charles dos Santos, Genival Narciso, Geo Ioiô, Gidolfo Iaparrá  
Henrique Leôncio, Josefa Ioiô, Macinaldo Forte Filho, Macksoara dos Santos Narciso  
Manoel Severino dos Santos, Marinelson dos Santos, Pedro dos Santos  
Ronele Forte dos Santos, Ronilson dos Santos  
Clenivaldo Forte Batista, Salomão Maciel, Tiago dos Santos  
Fabiola dos Santos Karipuna, Geovani de Oliveira Santos, Júnior dos Santos Batista  
Sedrick Anicá dos Santos, Yermollay Tawpio Karipuna

AGRADECIMENTOS  
Gilberto Iaparrá  
Simone Vidal  
Professores Indígenas

### **Siglas e Acrônimos**

APIO - Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque  
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
FUNAI - Fundação Nacional do Índio  
IBAMA - Inst. Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis  
ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade  
MCT - Ministério da Ciência e Tecnologia  
MMA - Ministério do Meio Ambiente  
SEAP/PR - Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca  
SEPP/PR - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial  
TNC - The Nature Conservancy  
UFAM - Universidade Federal do Amazonas

# 1. APRESENTAÇÃO



## **Etnoconservação de Quelônios pelos Povos Indígenas do Oiapoque**

A região do Oiapoque é particularmente rica em quelônios (os bichos de casco). Desde muito tempo as populações indígenas locais conhecem e interagem com esses animais. No entanto, muitas lideranças indígenas identificaram nos últimos anos que algumas espécies, principalmente o tracajá, estavam diminuindo em número nos rios e lagos. Foi a partir dessa percepção que nasceu o processo que gerou essa iniciativa – um esforço de etnoconservação de quelônios.

Mas por que ETNOconservação? Porque é um processo de conservação feito considerando o olhar indígena, suas formas de organização e conhecimentos sobre a região e sobre os quelônios. E porque junto dos quelônios os povos indígenas do Oiapoque estão conservando também sua própria cultura.

Esta publicação apresenta de forma didática como foi empreendida essa iniciativa, oferecendo ao leitor uma ferramenta de difusão dos métodos utilizados e dos aprendizados atingidos ao longo de dois anos, favorecendo a continuidade da iniciativa nos anos vindouros. O livro objetiva também a educação escolar. Nesse sentido, ao final de cada capítulo, em páginas amarelas, apresentam-se sugestões de atividades para os professores indígenas desenvolverem em sala de aula junto aos seus alunos.

Finalmente, essa publicação representa também a divulgação de um projeto dos povos indígenas, que ajuda na construção e implementação de sua visão de futuro, de seu plano de vida.

Faça bom proveito!





## ATIVIDADES DO CAPÍTULO 1

Professor, apresente este livro aos seus alunos, explicando resumidamente do que se trata seu conteúdo, a quem se destina e quais os objetivos do livro.

A seguir, apresente outros livros, procurando diferenciá-los entre si: livro didático, livro para crianças, livro para adultos, livro de história, livro de ficção, entre outros. Permita que os alunos folheiem os livros, explicando a importância do livro na educação e destacando os cuidados que se deve ter com livros para que eles não se estraguem.

Proposta de atividades:

1. Um único livro deve ser lido por muitas pessoas. Assim, o conhecimento e as informações do livro serão difundidos e bem utilizados.
2. Livros são importantes na formação e na educação, são fontes de conhecimento. Fale sobre a importância do conhecimento.

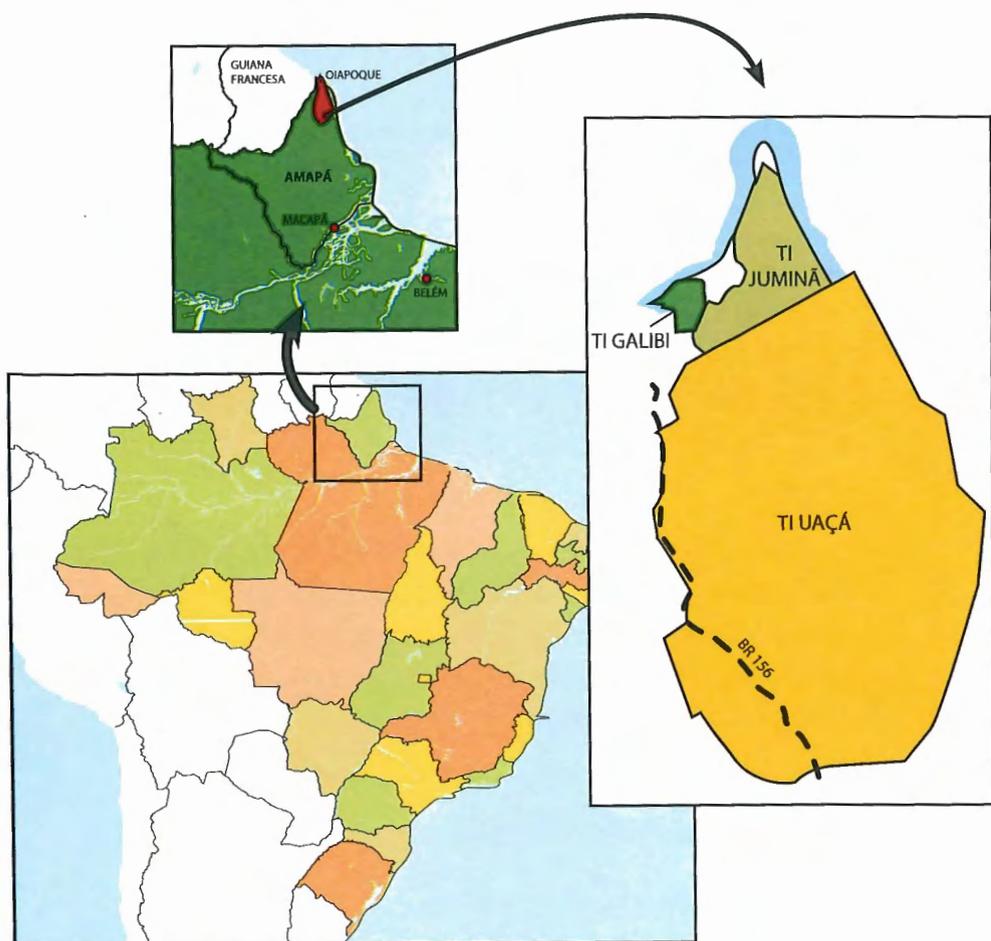
## 2. OIAPOQUE: TERRA DE ÍNDIO

O município de Oiapoque localiza-se no estado do Amapá, extremo norte da Amazônia brasileira, na fronteira com a Guiana Francesa.

Em Oiapoque existem três Terras Indígenas (TI) demarcadas e homologadas pelo governo brasileiro:

- Terra Indígena Juminã, com 41.601 hectares
- Terra Indígena Galibi, com 6.889 hectares
- Terra Indígena Uaçá, com 470.164 hectares

Nessas TIs acontece a iniciativa **Etnoconservação de Quelônios**, assunto principal deste livro.



Nas Terras Indígenas Juminã, Galibi e Uaçá vivem quatro povos:

### **Galibi-Marworno**

O povo Galibi-Marworno vive originalmente nas margens do Rio Uaçá. Atualmente são mais de dois mil índios descendentes de antigos povos Carib e Aruak. Falam o patoá, que substituiu a língua dos seus antepassados. A maior parte de sua população vive na Terra Indígena Uaçá.

### **Galibi-Kali'na**

Os Galibi-Kali'na ou Galibi-do-Oiapoque possuem como língua de origem o *kali'na*, mas falam também o patoá. A maior parte da sua população está na Guiana Francesa, Suriname e Venezuela. No lado brasileiro, os Galibi-Kali'na vivem na margem direita do rio Oiapoque, entre os igarapés Morcego e Taparabu, na TI Galibi.

### **Karipuna**

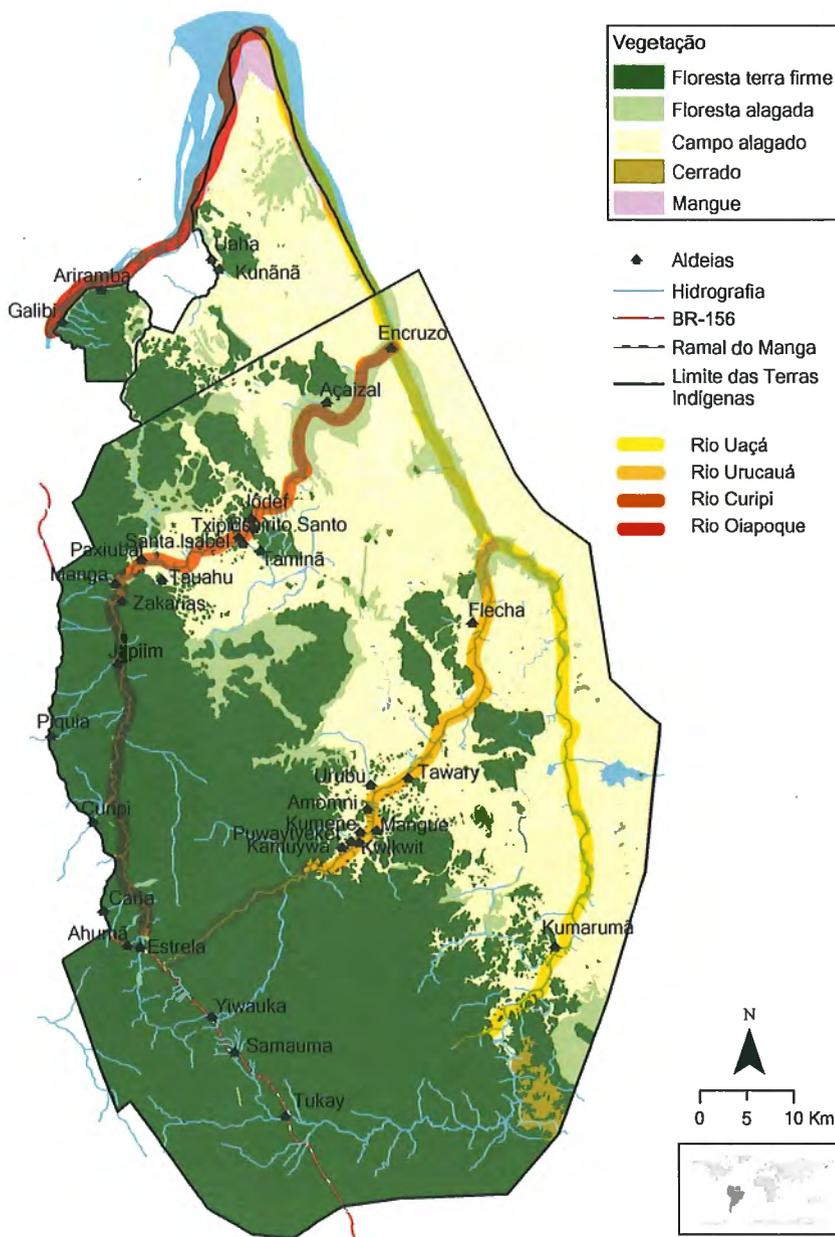
O povo Karipuna está localizado principalmente ao longo do rio Curipi, mas também existem aldeias na TI Juminã. São mais ou menos dois mil índios que também falam o patoá.

### **Palikur**

Os Palikur são os habitantes mais antigos desta região. Se autodenominam *Pa'ikwené* (o povo do rio do meio) e vivem no rio Urucaúá, que fica entre os rios Uaçá e Curipi. Os Palikur somam aproximadamente mil índios e falam principalmente o *pa'ikwaki*, da família linguística aruak.

Hoje, todos os povos do Oiapoque também falam a língua portuguesa.

# Terras Indígenas Juminã, Galibi e Uaçá



Boa parte da alimentação desses povos indígenas vem da natureza, principalmente da caça e da pesca.

Entre os diversos animais que fazem parte da dieta das comunidades do Oiapoque, estão os quelônios ou bichos de casco, como também são chamados.

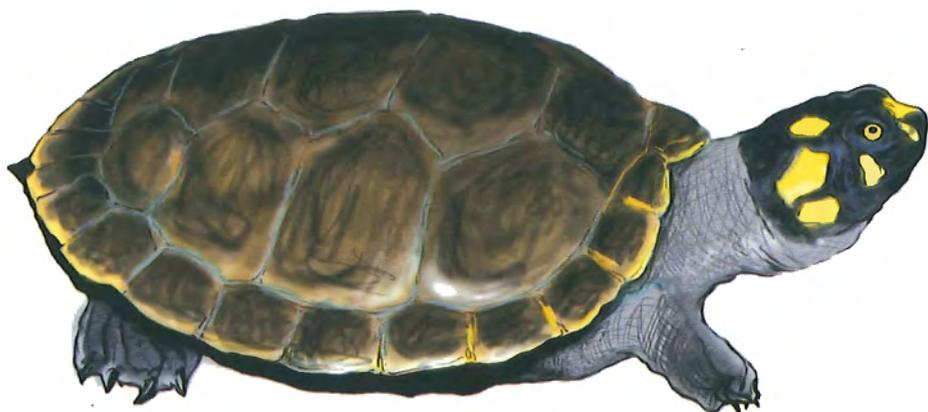
Na região do Oiapoque são encontradas várias espécies de bichos de casco. As mais comuns são as seguintes:

- jabuti-vermelho (*Geochelone carbonaria*)
- jabuti-amarelo (*Geochelone denticulata*)
- aperema (*Rhinoclemmys punctularia*)
- mata-matá (*Chelus fimbriatus*)
- cabeçudo (*Peltocephalus dumerilianus*)
- tracajá ou cabecinha (*Podocnemis unifilis*)



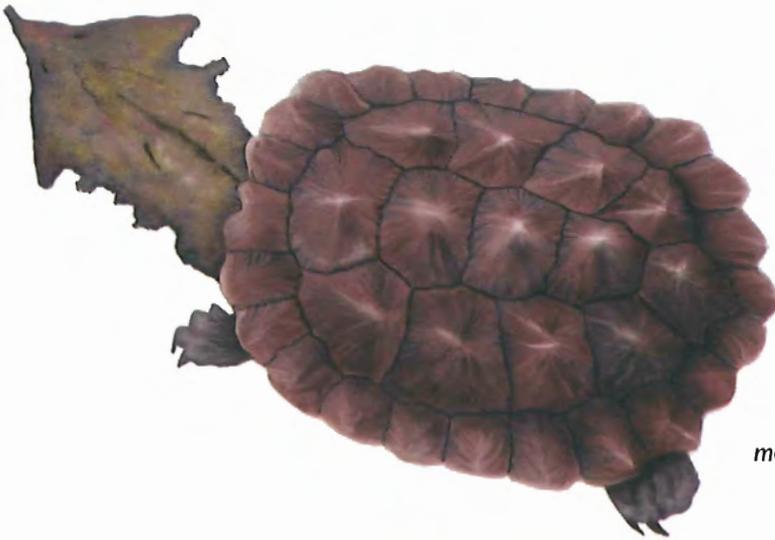
Filhotes de tracajá e cabeçudo

tracajá ou cabecinha





*jabuti*



*mata-matá*



*aperema*

## ATIVIDADES DO CAPÍTULO 2

Professor, o Capítulo 2 objetiva contextualizar o Projeto Etnoconservação, fornecendo informações sobre **onde** acontece o Projeto, **quem** está envolvido e **o que** será conservado.

Proposta de atividades:

### 1. Mapas

- Use um mapa para explicar aos seus alunos para que servem e como funcionam as legendas. Explique as diferenças entre as cores e as linhas contínuas ou tracejadas, por exemplo.
- Use um livro de Geografia ou um atlas geográfico para auxiliá-lo.
- Localize, no mapa da região do Oiapoque, o rio que passa por sua aldeia e, se possível, a sua aldeia. Você pode pedir para que eles desenhem um mapa mais detalhado, localizando suas casas.

### 2. Os povos indígenas do Oiapoque

- Forneça a seus alunos alguns dados sobre o seu próprio povo indígena: em que rio vivem, quantas aldeias existem em sua Terra Indígena, quantas pessoas formam seu povo e quantas vivem na sua própria aldeia. Você pode pedir aos alunos que levantem esses dados na escola ou em casa (quantas pessoas, onde moram).
- Fale sobre os outros povos indígenas que vivem na sua região, explicando algumas diferenças, como o rio em que se localizam e a língua que falam, por exemplo.

### 3. Os bichos de casco

- Fale para os seus alunos sobre os diferentes tipos de bichos de casco. Você pode usar os desenhos do capítulo para ilustrar a sua aula. Se possível, leve um animal vivo para que todos vejam.

### 3. OS ÍNDIOS E O TRACAJÁ



A iniciativa Etnoconservação surgiu para proteger o tracajá, conhecido há muito tempo pelos índios do Oiapoque, que alimentam-se de sua carne e de seus ovos.

A relação entre o tracajá e os índios é tão próxima e antiga que justifica o conhecimento tradicional indígena, de saber localizar ninhos, caçar nos rios, lagos e igarapés, e também preparar carne e ovos para comer.





*aperema sobre a pia*



*jabuti amarrado para não fugir*

Tradicionalmente, algumas famílias mantêm quelônios vivos em suas casas, alimentando-os para comer futuramente ou soltar na natureza.

Além da alimentação, o tracajá também é usado como tema ou fonte de inspiração por índios que produzem artefatos nas aldeias. São usadas suas cores, formato e desenhos do casco na produção de enfeites para o corpo ou outros objetos como bancos, esculturas e pingentes de colares.



*tracajás de madeira, feitos pelo Sr. Wet, dos Palikur*



*colares inspirados no tracajá*



O casco do tracajá também pode ser usado na confecção do GAW-GAW, instrumento musical produzido pelo sr. Manoel Labontê, na Aldeia Kumenê, dos Palikur.



*Sr. Manoel Labontê mostrando como se toca o gaw-gaw*



*Gaw-gaw: instrumento musical feito com o casco do tracajá*

A alimentação, a criação de quelônios em casa, o artesanato e o gaw-gaw são parte da cultura indígena da região.

“A preservação do tracajá é importante para a comunidade. É a cultura do nosso povo.”

*Paulo Roberto da Silva, liderança Galibi-Marworno da Aldeia Kumarumã*



Um dos objetivos da iniciativa de **Etnoconservação** é preservar a relação entre o índio e a espécie, e assim manter o significado cultural que ela tem para as comunidades do Oiapoque. Outro objetivo muito importante é contribuir com a manutenção da segurança alimentar, mas falaremos sobre isso logo adiante.

“Se não conservar, nossos netos e bisnetos não vão conhecer o tracajá.”

*Geô Ioiô – Agente Ambiental Indígena (AAI) Palikur da Aldeia Kumenê*

## Tracajá na língua indígena

| Quem fala?                  | Como é? | Que língua?       |
|-----------------------------|---------|-------------------|
| Galibi-Marworno<br>Karipuna | TAUAHU  | Patoá             |
| Galibi-Kali'na              | ALAKAKA | Kali'na           |
| Palikur                     | MEWKÁ   | Pa'ikwaki         |
| Todos                       | TRACAJÁ | Língua Portuguesa |



## ATIVIDADES DO CAPÍTULO 3

Professor, o Capítulo 3 destaca a relação tradicional que existe entre o índio do Oiapoque e o tracajá.

Proposta de atividades:

- Peça para seus alunos contarem tudo o que sabem sobre o tracajá, inclusive o nome do animal na língua portuguesa e na língua indígena do seu povo.
- Fale sobre a criação desses animais em casa e sobre a produção de artesanato. Se possível, leve alguma peça de artesanato para eles verem. Estimule a produção de seus alunos, fazendo uma oficina de artesanato com itens coletados na natureza, como folhas, sementes, pedras e outros.
- Conte alguma história que envolva o tracajá e peça para seus alunos fazerem o mesmo, contando histórias que já conheçam, inventando estórias ou buscando histórias com os mais velhos (seus pais e avós).
- Você pode pedir que seus alunos contem e escrevam histórias, façam artesanatos (colares, pulseiras, entre outros), produzam obras de arte, como esculturas, máscaras, desenhos, ou até inventem uma música do tracajá.
- Como professor, você também pode abordar o assunto **línguas** em sua aula, comparando a palavra tracajá, em língua portuguesa, com as palavras correspondentes na língua indígena de seu povo e dos outros povos do Oiapoque. Use a tabela da página anterior para ajudar. Faça o mesmo com o nome de outros animais.

## 4. SEGURANÇA ALIMENTAR



Com o passar do tempo, as comunidades cresceram. Algumas aldeias eram pequenas e ficaram grandes. Também surgiram novas aldeias na região para proteger as TIs e para abrigar a população indígena que cresce a cada dia.

Com o crescimento da população nas aldeias, aumentou também a quantidade de comida que os índios necessitam para alimentar suas famílias. Os roçados, a caça e a pesca aumentaram em toda a região. Ou seja, com mais gente é preciso mais comida.

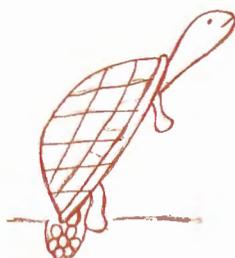
Com isso, surge a necessidade de se dar uma atenção especial ao meio ambiente, de onde se está retirando o alimento. Algumas espécies, como o tracajá, necessitaram de uma atenção especial dos povos indígenas do Oiapoque.



“Em 1993-94 tinha muito tracajá aqui. Nessa época, Kumarumã tinha 500 habitantes... Hoje tem dois mil e poucos. A população está crescendo e os animais acabando. É muita gente!”

*Adailson Sodá – Agente Ambiental Indígena (AAI) Galibi-Marworno da Aldeia Kumarumã*

...e foi por isso que o Projeto Etnoconservação começou: para contribuir com a segurança alimentar dos povos indígenas da região através da conservação do tracajá.

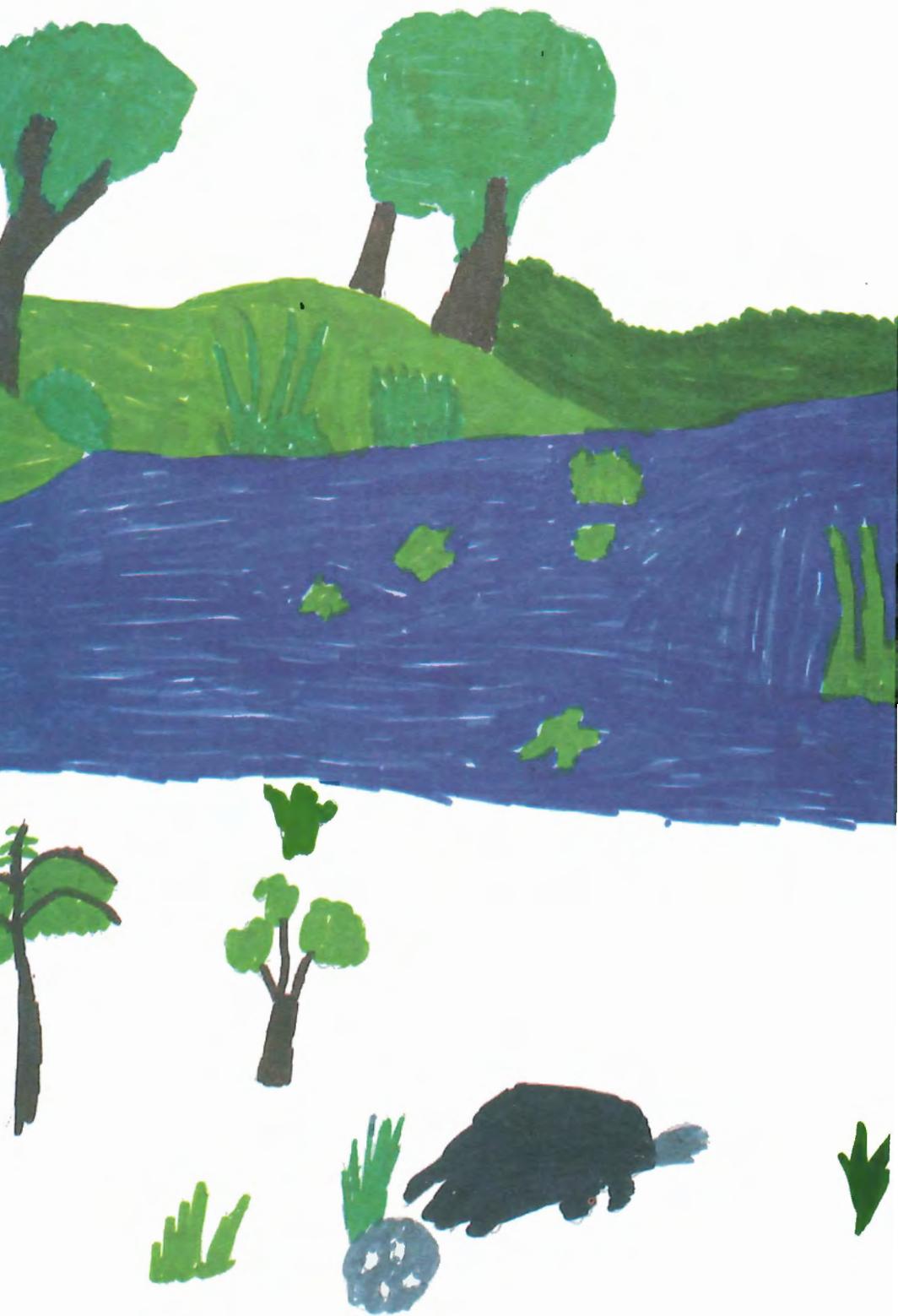


## ATIVIDADES DO CAPÍTULO 4

Professor, o Capítulo 4 trata da comparação entre o crescimento das aldeias e a necessidade de se atentar para a segurança alimentar.

Proposta de atividades:

- Peça a seus alunos que conversem com os mais velhos sobre o número de pessoas que viviam nas aldeias antigamente e sobre o número de aldeias que existiam naquela época. Faça uma relação com os números de hoje e mostre a eles como a população indígena cresceu.
- Aborde a alimentação nas aldeias, fazendo uma relação de quantidade. Por exemplo: quantos tracajás são necessários para alimentar uma família de quatro pessoas. E se forem oito pessoas?
- Pergunte aos seus alunos que animais eles costumam comer e como esses animais chegam até as suas casas. Fale da importância da caça e da pesca para a alimentação.
- Faça, com seus alunos, uma relação de todos os alimentos consumidos na aldeia, diferenciando-os entre frutos, animais, alimentos produzidos nas aldeias e alimentos da cidade.
- Peça a seus alunos que desenhem alguns animais que conhecem, inclusive os bichos de casco.



## 5. A INICIATIVA DE ETNOCONSERVAÇÃO DO TRACAJÁ



### **Como começou a iniciativa**

Em 2002, a APIO realizou uma grande assembleia durante o Seminário de Sustentabilidade Econômica e Ambiental, que reuniu representantes dos quatro povos indígenas da região: Galibi-Marworno, Galibi-Kali'na, Karipuna e Palikur, além de pesquisadores e parceiros de diferentes Estados.

As lideranças indígenas, atentas ao constante crescimento das comunidades e preocupadas com a possibilidade de diminuição dos recursos naturais para a caça e a pesca na região, começaram a pensar soluções e alternativas para resolver o problema antes que ele aumentasse.



“Antes tinha muito tracajá. A gente ia pescar às sete horas e ao meio-dia já voltava cheio de tracajá, pegava rápido. Mas hoje é difícil... Tem vezes em que a gente não pega nada.”

*Nenélío – liderança Palikur da Aldeia Kumenê*

Nessa época, já se fazia a conservação do pirarucu através da adoção de um período de resguardo, e as comunidades sabiam que esse trabalho dava resultados positivos. A partir desse Seminário, a discussão sobre a sustentabilidade dos recursos naturais se tornou mais ampla e sistemática, e passou a contar com a ajuda de alguns biólogos.

Nesse Seminário, as lideranças acordaram que durante um ano não se deveria pegar tracajá para a alimentação. Porém, essa decisão não foi discutida em maior profundidade e acabou não sendo levada adiante pelas comunidades.

Por outro lado, a partir desse Seminário, começaram a ser realizadas pesquisas participativas sobre vários recursos naturais, incluindo os quelônios. A partir de novembro de 2003, essas pesquisas ganharam mais fôlego com o início da formação do Agente Ambiental Indígena (AAI) do Oiapoque.

“Um dia chegou um grupo de pesquisadores aqui na aldeia, e a gente começou a falar pra eles que estava se acabando o jacaré, o tracajá, o cabeçudo... Então eles ajudaram a gente a arrumar condições pra criar os bichos. Depois eles ajudaram a gente a explicar pra comunidade como era pra preservar os bichos...”

*Zildo Felício, Cacique Palikur da aldeia Kumenê*

## Os Agentes Ambientais Indígenas

Os AAIs são pessoas escolhidas pelas próprias comunidades para adquirir e adaptar novos conhecimentos para ajudar na gestão ambiental das Terras Indígenas do Oiapoque. Possuem a importante função de explicar e discutir assuntos relacionados à sustentabilidade ambiental da região junto às suas comunidades, principalmente lideranças, professores e crianças.



*Agentes Ambientais Indígenas junto com Fábio Maffei, técnico de campo do Projeto*

“Eu já dei aula de educação ambiental. Falei da natureza, dos tracajás, da mata verde, para não derrubar árvore, para ter cuidado em não jogar lixo na natureza. Eu fiz na língua depois traduzi para o português. Falei que nós temos que preservar a natureza da gente. Que, se a gente faz uma roça, essa capoeira vai se tornar mata verde de novo, tipo reflorestamento. Os alunos não sabiam dessas coisas...”

*Aldailson Sodá – AAI Galibi-Marworno da Aldeia Kumarumã*

Em outubro de 2005, os AAls receberam um treinamento sobre manejo de quelônios em Pracuaba, Amapá, através da parceria do Centro de Conservação e Manejo de Répteis e Anfíbios (RAN) e do ICMBio com a TNC e a APIO. Nesse curso, os AAls se organizaram e fizeram uma proposta inicial para trabalhar exclusivamente o manejo do tracajá. Essa proposta foi posteriormente trabalhada pela APIO junto com os técnicos da TNC e com um pesquisador da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e seus alunos, resultando em um projeto que foi aprovado pelo CNPq. Este projeto, realizado numa parceria entre APIO, UFAM e TNC – e que contou com o apoio dos órgãos públicos federais como o CNPq, IBAMA, ICMBio, FUNAI/Oiapoque, SEAP/PR, SEPIR/PR, MCT e MMA – permitiu o aprofundamento da iniciativa de conservação de quelônios no Oiapoque, que resultou nessa publicação.



*Agentes Ambientais Indígenas da etnia Palikur*

“Nós começamos fazendo óleo de andiroba, óleo de tucumã e óleo de copaíba. Depois passamos para o mel de abelha e depois tracajás. Depois optamos por quelônios... tracajás. Primeiro tiramos e plantamos, depois nasceu. Plantamos de novo e deu também...”

*Manoel Severino dos Santos, AAI Galibi-Marworno da aldeia Kumarumã*

## 6. COMO SE FAZ A ETNOCONSERVAÇÃO DE TRACAJÁS?

Os AAls são as pessoas que vão executar grande parte das atividades necessárias para aumentar a população do tracajá nos rios e lagos das TIs do Oiapoque.

As atividades devem ser realizadas todos os anos pelos AAls, pois assim tem-se maior chance de que os resultados sejam positivos.

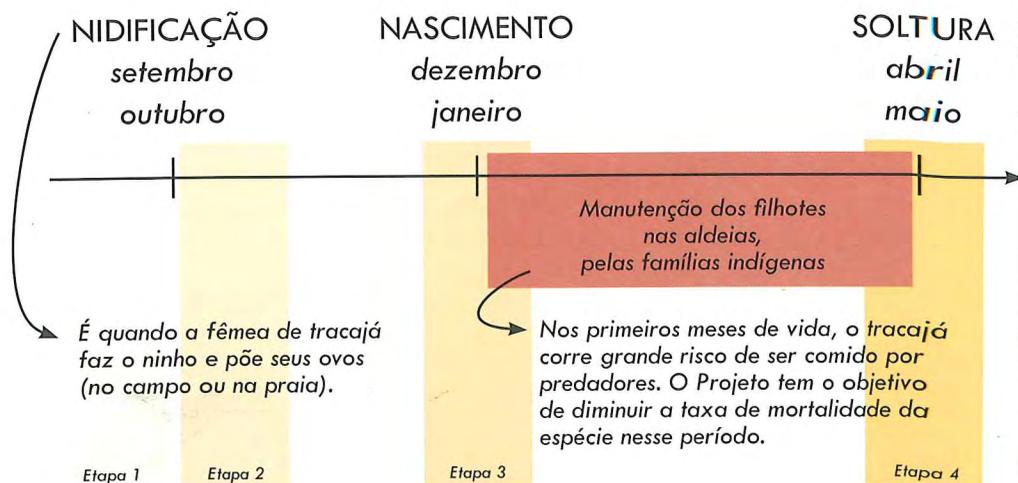
Por isso, o Projeto Etnoconservação acontece em etapas, que se repetem anualmente, de acordo o ciclo de vida do tracajá.



*Agentes Ambientais Indígenas e Técnicos Indígenas de Campo, junto com o pesquisador Ronis Da Silveira, Coordenador do Projeto*

## O ciclo de vida do tracajá

Antes de qualquer atividade no campo, é preciso conhecer o ciclo de vida do tracajá, para saber em que época do ano será realizada cada atividade:



Conheça, a seguir, as etapas de execução do projeto:

### **Etapa 1 - Identificação dos locais de nidificação, colheita e transporte dos ovos**

Após analisar o diagrama da página anterior, é possível saber que é entre setembro e outubro que as fêmeas fazem os ninhos e botam os ovos. Então, nesse período, os AAls saem em busca de ninhos nas praias e no campo, fazendo a colheita dos ovos.

Após localizar um ou mais ninhos de tracajá, o Agente, sempre com muito cuidado, deve fazer a colheita dos ovos, colocando-os em uma caixa de isopor para levar para a aldeia.

É importante que os ovos não sejam virados na hora de fazer essas atividades. O uso do material do próprio ninho ajudará a estabilizar os ovos dentro da caixa.

A caixa de isopor deve ser transportada para a aldeia com cuidado para não balançar muito, preservando os filhotes que estão em desenvolvimento dentro dos ovos.



## Etapa 2 - A chocadeira

Uma chocadeira deverá ser construída na aldeia, antes da colheita dos ovos. Essa estrutura deverá ser um cercado de tela fina de 1 metro de altura, presa por estacas de madeira ou outro material adequado. Os ovos de cada ninho devem ser colocados em buracos cavados no interior da chocadeira, distantes 30 cm entre si, parecidos com o ninho que a tracajá fêmea faz.

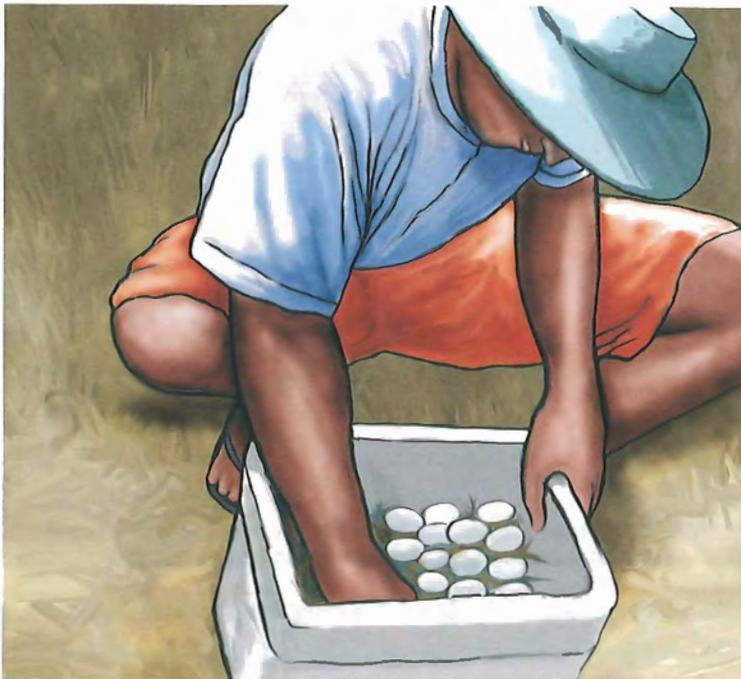
É importante que os ovos sejam transferidos para a chocadeira o mais breve possível e colocados na mesma posição em que estavam em seu ninho original.

Segundo o AAI Geô loiô, dos Palikur, não se deve fazer o buraco do ninho muito fundo.

“A gente fez um buraco muito fundo e as formigas comeram tudo.”

*Geô loiô – AAI Palikur da Aldeia Kumenê*

O local de construção da chocadeira deverá ser escolhido pela maioria dos moradores de cada aldeia.





A comunidade deve escolher uma pessoa, geralmente um AAI, para cuidar da chocadeira, vistoriando os ninhos uma ou duas vezes por semana para evitar a ação de formigas, alagação por chuva e para recolher os filhotes quando nascerem.



Colocar óleo queimado ao redor do cercado é um recurso que os AAIs usam para diminuir a perda de ovos por ação de formigas.

### Etapa 3 - Nascimento

Após a eclosão dos ovos, os filhotes são colocados em bacias plásticas que serão distribuídas às famílias, onde serão alimentados até o **Dia da Soltura dos Coleguinhas Tracajás**. Nessa atividade também é feito um trabalho chamado **MORFOMETRIA**, em que são medidos o tamanho e a massa dos filhotes. Também devem ser anotados quantos ovos nasceram e quantos não vingaram em cada ninho, se foram comidos por formiga ou não. Geralmente este trabalho é feito pelo AAI e pelos técnicos do Projeto.



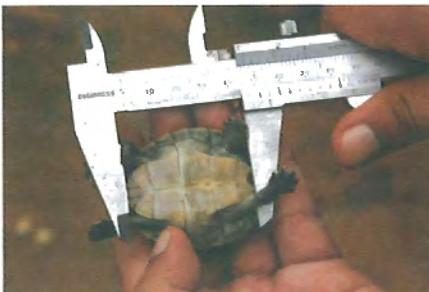
AAI Lázaro medindo a massa do filhote  
Aldeia Kumarumã



CC: comprimento da carapaça



LC: largura da carapaça



CP: comprimento do plastrão



LP: largura do plastrão



Zoólogo Luis Augusto Ruffeil



AAI Geô Ioiô medindo a massa do filhote – Aldeia Kumenê

A morfometria é realizada no nascimento e no dia anterior à soltura dos filhotes. Este acompanhamento visa avaliar o crescimento dos filhotes durante o período em que ficaram com as famílias.

Data:

Aldeia:

Equipe:

| Filhote nº | Massa (g) | CC (mm) | LC (mm) | CP (mm) | LP (mm) |
|------------|-----------|---------|---------|---------|---------|
| 1          |           |         |         |         |         |
| 2          |           |         |         |         |         |
| 3          |           |         |         |         |         |
| 4          |           |         |         |         |         |
| 5          |           |         |         |         |         |

Modelo de planilha de morfometria



*Gidolfo laparrá (AAI Palikur) com o filho, zelando pelos filhotes de tracajá*

Após a morfometria do nascimento, os filhotes são mantidos em bacias (máximo de 8 por bacia) por 3 a 4 meses, até ficarem maiores e mais fortes, diminuindo assim o risco de serem comidos por outros animais quando retornarem à vida livre.

A distribuição dos tracajás entre diferentes famílias para serem alimentados e cuidados, ao invés de serem todos mantidos em um só lugar, foi uma decisão dos AAIs em respeito à própria forma de organização indígena, onde as decisões e processos produtivos – como as roças – possuem como base a estrutura familiar.

Todos os dias, as famílias devem trocar a água, colocar a bacia ao sol por duas horas e alimentar os tracajás com folhas de plantas encontradas nas Terras Indígenas, como o fevolê, a cabomba e o broto de aninga. Os filhotes também comem folha de batata doce, banana, arroz, farinha e outros.



*Plantas regionais utilizadas na alimentação dos filhotes*

Alimentos servidos para os filhotes nas bacias:  
fevolê, folha de batata-doce, cabomba, dachina,  
broto de aninga, eicornia (buchê), peixe,  
galho de arapari, arroz, banana e farinha

“Tem dia que as crianças cuidam dos bichinhos, tem dia que sou eu, tem dia que é a mãe deles. Todo mundo participa.”

*Geô loiô, AAI Palikur da aldeia Kumenê*

“Tem que cuidar bem dos bichinhos porque nós não tiramos eles do campo pra sofrer e nem pra morrer. Vamos criar pra sempre ter.”

*Manoel Severino dos Santos, AAI Galibi-Marworno da aldeia Kumarumã*

## Etapa 4 - Dia da Soltura dos Coleguinhas Tracajás



*Cacique Zildo Felício e família indo para o local da Soltura, Aldeia Kumenê*

“...E os filhotes a gente pode liberar né? Pra ajudar, a natureza...”

*Zildo Felício - Cacique Palikur da Aldeia Kumenê*



*Lideranças, Agentes Ambientais Indígenas e crianças, no Dia da Soltura – Aldeia Kumenê*

Após 3 a 4 meses do nascimento dos filhotes, chega o grande momento do Projeto Etnoconservação: o **Dia da Soltura dos Coleguinhas Tracajás**.



*Paulo Roberto da Silva e seus netos no Dia da Soltura dos Coleguinhas Tracajás – Aldeia Kumarumã*



*Crianças e coleguinhas no Dia da Soltura: Nesta ocasião, outros quelônios (como o mata-matá da imagem superior esquerda) também são trazidos pela comunidade para serem soltos na natureza.*

É no **Dia da Soltura dos Coleguinhas Tracajás** que os AAls, junto com os professores, as lideranças e as famílias da aldeia, vão levar as crianças para soltar os tracajás na natureza, para que eles possam crescer e reproduzir-se naturalmente.



*Comunidade Palikur reunida no momento da Soltura dos filhotes, Aldeia Kumenê*



“As crianças sempre vão lembrar da soltura dos tracajás. Vão lembrar quando crescerem e vão passar isso para os seus filhos. Isso é para sempre.”

*Paulo Roberto da Silva, liderança Galibi-Marworno da Aldeia Kumarumã*



*Comunidade Galibi-Marworno reunida no momento da Soltura dos filhotes – Aldeia Kumarumã*





*Moradores no trapiche rumo ao rio para soltar os coleguinhas tracaçãs – Aldeia Kumenê*



*Crianças e jovens juntos com Antônio Oliveira, técnico do Projeto – Aldeia Kumenê*

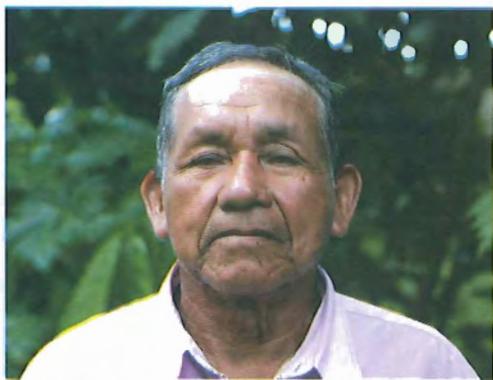


*Crianças preparadas para soltar os filhotes — Aldeia Kumarumã*





Aldailson Sodá, AAI Galibi-Marworno da Aldeia Kumarumã



*Muitos adultos participam da Soltura dos filhotes*

## ATIVIDADES DOS CAPÍTULOS 5 E 6

Professor, os Capítulos 5 e 6 abordam assuntos relacionados à execução do Projeto Etnoconservação.

Proposta de atividades:

- Explique para seus alunos como acontecem as etapas do Projeto, destacando a importância dos AAIs para essa iniciativa e para as aldeias.
- Caso haja algum AAI na sua aldeia, convide-o para ir à sala de aula falar com seus alunos sobre o trabalho que ele desenvolve.
- Conte a história do Projeto e peça aos alunos que façam desenhos sobre as atividades descritas.
- Fale sobre a importância de soltar os tracajás nos rios para que eles possam crescer e se reproduzir naturalmente, e para que possam ser capturados daqui a alguns anos para alimentar as famílias.
- Utilizando um livro de Matemática como apoio, você pode criar uma atividade com os dados apresentados nesse capítulo, tais como: operações básicas (soma, subtração), média aritmética e porcentagem.
- Usando como referência a lista de alimentos oferecidos aos filhotes de tracajá, peça aos alunos que façam outras listas, como por exemplo: alimentos que eles comem, alimentos que outros animais comem.
- Use um livro de Ciências ou de Biologia para falar sobre o ciclo de vida dos animais e compare com as informações desse livro.
- Use um livro de Ciências ou de Biologia para falar sobre cadeia alimentar e compare com as informações desse livro, pedindo aos alunos que façam uma lista dos predadores do tracajá que eles conhecem.

## 7. PROJETO ETNOCONSERVAÇÃO: DIFERENCIAL, RESULTADOS, DIFICULDADES E APRENDIZADOS



### Diferencial

O maior diferencial do **Projeto Etnoconservação de Quelônios pelos Povos Indígenas do Oiapoque**, em relação a outras iniciativas semelhantes, é a manutenção dos filhotes sob os cuidados de famílias indígenas, em suas casas, durante os primeiros meses de vida, antes de soltá-los na natureza.



A manutenção dos filhotes de tracajá em casa e o ato de alimentá-los regularmente resultam em grande interesse das pessoas pela espécie e estimulam a consciência cultural e ecológica, especialmente nas crianças, estreitando o contato com o animal e reforçando os laços culturais com os adultos.



**“Pra nós o Projeto é importante, pois é uma semente para o futuro, para nossas crianças... porque nós somos os indígenas do Brasil.”**

*Paulo Roberto da Silva, liderança Galibi-Marworno da Aldeia Kumarumã*

## Resultados

O Projeto teve início com dois momentos de soltura: o primeiro em 2007 e o segundo em 2008.



Analisando os resultados, observamos que o número de tracajás soltos foi maior do que o dobro, de 2007 para 2008, e que, ao todo, já foram soltos mais de 500 filhotes de tracajá nos rios da região.

| <b>Estatísticas gerais</b> | <b>2007</b> | <b>2008</b> |
|----------------------------|-------------|-------------|
| Total de ninhos            | 32          | 43          |
| Total de ovos              | 563         | 891         |
| Ovos plantados             | 439         | 891         |
| Filhotes que nasceram      | 132         | 616         |
| Filhotes soltos            | 132         | 407         |

| <b>Número de filhotes soltos</b> | <b>2007</b> | <b>2008</b> |
|----------------------------------|-------------|-------------|
| Aldeia Kumenê                    | 12          | 51          |
| Aldeia Kumarumã                  | 61          | 338         |
| Aldeia Manga                     | 11          | -           |
| Aldeia Flecha                    | 24          | 18          |
| Aldeia Uaha                      | 24          | -           |
| <b>TOTAL</b>                     | <b>132</b>  | <b>407</b>  |

Com a continuidade do Projeto, em breve será possível soltar, **TODOS OS ANOS**, mais de mil filhotes de tracaçá nos rios e lagos do Oiapoque.

Isto é, sem dúvida, um resultado muito positivo para o Projeto Etnoconservação, que tem as comunidades indígenas como atores principais de todo o processo.



## Desafios

Segundo os AAI, a maior dificuldade de todo o processo está em encontrar os ovos do tracajá antes de eles serem comidos por predadores.



Na busca de solucionar esse problema, o AAI Sodá, dos Galibi-Marworno, sugere que a colheita de ovos aconteça no início do período de nidificação, em meados de setembro.

Obviamente muitas boas idéias surgirão ano a ano, até que a melhor forma de cuidar dos ovos e dos filhotes seja parte do saber das comunidades indígenas do Oiapoque.

**“A gente tem que começar mais cedo a procurar os ovos, pra chegar antes do jacurarú.”**

*Aldailson Sodá – AAI Galibi-Marworno da Aldeia Kumarumã*

Na chocadeira, o maior problema é o ataque de formigas, que vêm por debaixo da terra, sem que ninguém veja.

O AAI Geô loiô, dos Palikur, tem uma sugestão para esse problema:

“Eu já falei com alguns Agentes: minha idéia é usar uma tábua pra levantar a terra, igual a uma mesa, pras formigas não entrarem nos ninhos pra comer os ovos.”

*Geô loiô – AAI Palikur da aldeia Kumenê*

Assim, segundo Geô, fica mais fácil evitar que as formigas entrem por baixo da terra, cuidando apenas dos pés da mesa, para elas não subirem.

## Aprendizados

Após dois anos do Projeto, muito se aprendeu. Entre os aprendizados mais importantes destacamos os seguintes:

- A iniciativa e o trabalho indígena, em parceria com o esforço de pesquisadores e técnicos, foram extremamente positivos.
- Na busca de resultados ainda melhores, as comunidades indígenas precisam conhecer melhor o Projeto, e mais pessoas devem se envolver nas atividades desenvolvidas.
- A conservação do tracajá reforça os laços culturais que existem entre a espécie e o índio do Oiapoque.
- Conservar o tracajá é contribuir para a manutenção da segurança alimentar dos povos indígenas do Oiapoque.
- As atividades do Projeto são importantes para as crianças, pois elas são o futuro daqueles povos.



**“Os filhos da gente têm mais orientação para trabalhar com os bichinhos, para acostumar com a idéia e saber como nós vivemos.”**

*Manoel Severino dos Santos – AAI Galibi-Marworno da aldeia Kumarumã*

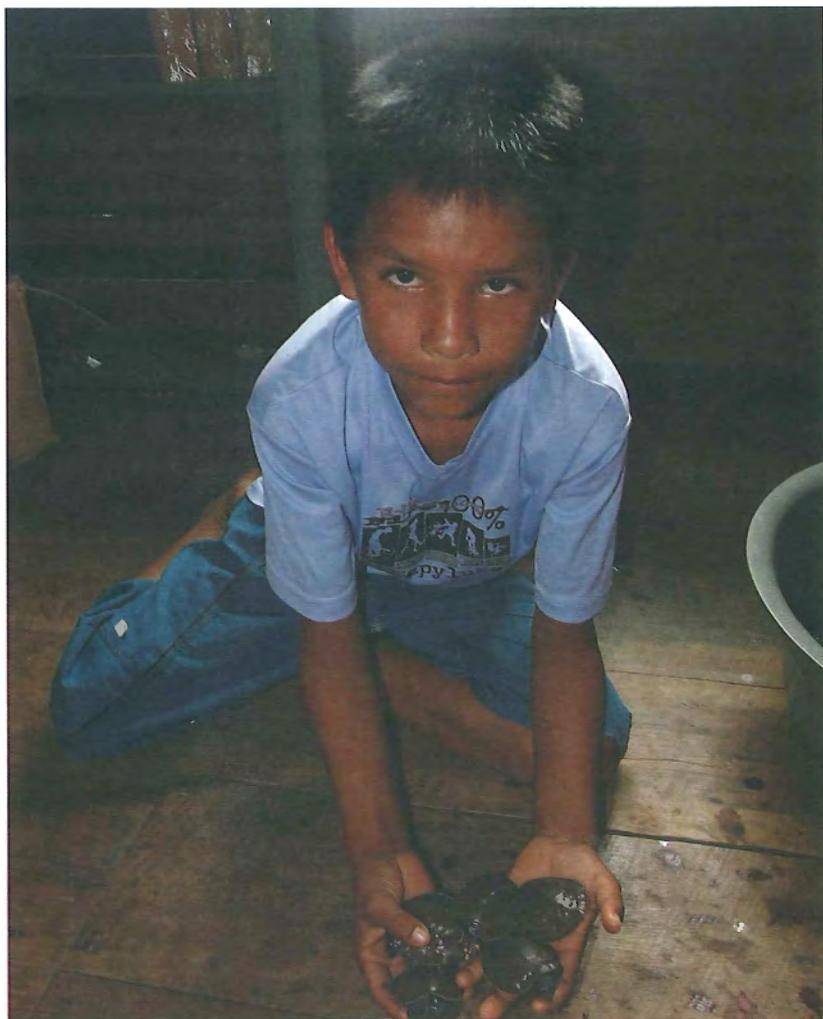


“Todo o trabalho é importante para as crianças, pois elas vão soltar os tracajazinhos e isso vai ficar registrado. Mais tarde a gente vai embora, mas ficam as crianças... e quando elas forem grandes, vão lembrar que soltaram os tracajás.”

*Paulo Roberto da Silva – liderança Galibi-Marworno da Aldeia Kumarumã*

“Meu filho menor gosta muito de brincar com os tracajás quando está em casa. Eu disse para ele: esse tracajá é para você e para as outras crianças. É para você ganhar para os seus filhos e para os seus netos, por isso fazemos esse trabalho.”

*Lázaro – AAI Galibi-Marworno da Aldeia Kumarumã*



“Tem mais tracajá nos rios agora, o trabalho tem dado certo aqui... nós estamos plantando os ovos pra nascer porque a gente mesmo usa, a gente mesmo come. Vale a pena sim... trabalhando assim vale a pena.”

*Manoel Severino dos Santos – AAI Galibi-Marworno da Aldeia Kumarumã*

## ATIVIDADES DO CAPÍTULO 7

Professor, o Capítulo 7 tratou sobre diferenciais, dificuldades, resultados e aprendizados do Projeto Etnoconservação.

Proposta de atividades:

- Aborde a importância, para as futuras gerações, do contato das crianças com a cultura tradicional do seu povo e com os animais, plantas e demais organismos da região.
- Explique a importância do aprendizado sobre a natureza na vida das pessoas, pedindo aos alunos que escrevam um texto em que relatem algum aprendizado importante sobre a flora e a fauna que tiveram recentemente.
- Sempre que possível, ou necessário, utilize este livro para transmitir aos seus alunos informações sobre a conservação do trajaá. E que, ao conservarmos as áreas de reprodução deste quelônio, muitas outras espécies importantes para a nossa vida e para o meio ambiente também estarão sendo protegidas.

etnoconservação

educação

futuro

tracajá

memória

iniciativa

ciência

consciência ambiental

participação

multiplicação

mewká

tawahu

cabecinha

meio ambiente

cultura indígena

segurança  
alimentar

comunidade

“É o nosso maior aprendizado:  
soltar os filhotes nos rios todos os anos  
para o tracajá existir para sempre.”

*Sr. Paulo Roberto da Silva –  
liderança Galibi-Marworno*

Este livro representa o resultado de muitos esforços, vindos de diferentes lugares e pessoas. Mesmo construído por distintas experiências, é fruto de um entendimento comum, entre indígenas e não indígenas: a necessidade da manutenção e melhoria da qualidade de vida das comunidades indígenas do Oiapoque, associada à conservação dos recursos naturais de que dependem.

É um livro que trata de uma paixão destes povos indígenas: os bichos de casco. Seja em função das suas inúmeras histórias, do fato de serem fonte de inspiração na arte, ou pela importância na culinária, os quelônios representam um assunto que sempre rende muitas horas de gostosas conversas.

E é ainda um livro que reflete atividades desenvolvidas por várias comunidades diretamente em suas regiões, ano após ano, em uma relação direta entre filhotes de tracajás, escolas, lideranças indígenas e seus parceiros. Ao mesmo tempo em que estavam ocorrendo importantes e grandes mudanças na região, como a implementação de obras de infraestrutura e as dinâmicas na política local e regional, as atividades com os tracajás estavam sendo desenvolvidas nas aldeias. Parece até que elas estavam querendo indicar um caminho para esse conjunto de mudanças maiores, baseado no fortalecimento dos planos locais e no diálogo de diferentes experiências.

Deste modo, é um livro que, apesar de tratar de um tema específico, ajuda na implementação da visão de futuro dos povos indígenas do Oiapoque, cristalizada recentemente em seu Plano de Vida, e que pode ajudar também outros povos a refletirem sobre seus projetos de vida.. Parabéns a todos os envolvidos, e muito sucesso na construção desse futuro.

**Marcio Sztutman**  
Gerente do Programa Indígena  
TNC Amazônia

Conta a história que no mês de maio, Laposiniê — as Plêiades ou Sete Estrelas, que são também pajé — desaparecem no céu a oeste. Dizem que vão passear “no fundo” e mudar de pele. Esse “pessoal”, ainda que invisível, passa pela região em uma embarcação controlada por um pajé respeitado. Sua passagem é percebida pelos índios por causa das ventanias e tempestades. Dizem que nesta ocasião eles estão ocupados, distribuindo peixe, tracajá e caça pelos rios e pelas matas.

No mês de maio chove. No início de junho as Plêiades reaparecem no céu a leste, renovadas. O tempo é calmo. Tudo germina de novo, os filhotes crescem, tentam uma outra vida. Há muitas frutas, injá, açá e caça também. Chegam os peixes, todos de cabecinha para cima, fora d'água, olhando para o céu. As aves, os tracajás, tudo, até o jabuti quer enxergar Laposiniê. Há mulheres, ainda hoje, que não vão à roça arrancar mandioca antes das estrelas reaparecerem no céu. Tudo então se renova, as folhas são “brilhosas”, os camaleões sobem até o cume das árvores para brilhar ao sol, com o corpo ainda molhado pela chuva recente e todos os bichos olham para o céu. Mesmo os peixes levantam a cabecinha fora d'água para ver, de madrugada, as estrelas.

Trecho resumido de narrativas de Manoel Labonté, Palikur da aldeia Kumenê, e Vavá dos Santos, Karipuna da aldeia Santa Izabel

Que a natureza precisa ser renovada não é novidade no âmbito da cosmologia indígena; que ela hoje também precisa ser conservada, é uma exigência mais recente.

Nada melhor do que pequenas ações bem planejadas, participativas, quando envolvem toda a comunidade, lideranças, pesquisadores, agentes ambientais e essencialmente crianças. Essa mistura de atividades lúdicas e produtivas é uma característica indígena. Hoje, estas atividades passam também pelo conhecimento científico e os trabalhos escolares. A sabedoria e os saberes tradicionais, historicamente construídos, se articulam às novas observações e práticas de preservação. Há um desejo que este trabalho frutifique e que outras iniciativas como esta se repitam, contribuindo para a etnoconservação do meio ambiente e o fortalecimento cultural dos Povos Indígenas do Oiapoque.

**Lux Vidal**

Antropóloga da USP e pesquisadora do CNPq